



Nau Literária: crítica e teoria de literaturas  
www.seer.ufrgs.br/nauliteraria  
ISSN 1981-4526 – PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre  
Vol. 11 N. 02  
Literatura e Guerra

## A GUERRA DE NEOPTÓLEMO NO *FILOCTETES* DE SÓFOCLES

CESAR LOPES GEMELLI<sup>1</sup>

Ἔτ' οὐδέν εἰμι.  
Agora nada sou<sup>1</sup>.  
(Sófocles, *Filoctetes*<sup>2</sup>, 1217)

**Resumo:** Neoptólemo inicia a tragédia com uma percepção da guerra como uma possibilidade de alcançar glórias que o coloquem em relativa igualdade entre os heróis gregos e principalmente seu falecido pai, uma oportunidade de entrar na vida adulta no contexto épico. Durante o contato com Filoctetes, entretanto, o jovem descobre a face menos elogiada e mais obscura da guerra, o pragmatismo que conduz a um relativismo moral e o sofrimento físico e psicológico. Diante desse sofrimento, Neoptólemo modifica sua visão da guerra e sua relação com a hierarquia militar que o conduziria a Troia, decidindo por afastar-se das injustiças e aproximar-se de Filoctetes na defesa de virtudes absolutas.

**Palavras-chave:** Guerra; Filoctetes; Neoptólemo; Odisseu.

**Abstract:** Neoptolemus begins this tragedy with a perception of war as a possibility to achieve glories that would make him stand with relative equal status among the Greek heroes and, above all, with his dead father, an opportunity to join the adulthood in the epic context. During his contact with Philoctetes, however, the young man discovers a less praised and more obscure aspect of war, the pragmatism that leads to a moral relativism and to physical as well as psychological suffering. In face of such suffering, Neoptolemus changes his vision of war and his relationship to the military hierarchy that would eventually lead him to Troy, distancing himself from injustices and getting closer to Philoctetes in his defense of absolute virtues.

**Keywords:** War, Philoctetes, Neoptolemus, Odysseus.

Sófocles (c. 496–406 a.C.), tragediógrafo nascido em Colono, escreveu aproximadamente 123 peças teatrais; dessas, apenas sete são conhecidas. Das outras, têm-se notícias e informações através de listagens, citações e fragmentos. Sua notória longevidade quase abarca o século quinto e seus acontecimentos. O autor participou ativamente da vida pública ateniense e testemunhou, ainda criança, a invasão ordenada por Dario I (c. 550–486 a.C.). Posteriormente, testemunhou a ocupação de Atenas pelos persas, a vitória em Maratona, a expansão imperialista ateniense e o seu declínio durante a Guerra do Peloponeso.

---

<sup>1</sup> Todas as traduções são nossas, exceto quando expresso de outra forma.

<sup>2</sup> Todas as citações de Sófocles referem-se ao texto da edição de Oxford por H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson, *Sofoclis Fabulae* (Oxford, 1990).

*Filoctetes*, a última tragédia de Sófocles produzida, em 409 a.C., durante a vida do autor, aborda o mito de Filoctetes, que já recebera tratamento literário e artístico por diversos autores anteriormente: por exemplo, no segundo livro da *Iliada* em que são listados os combatentes que se dirigem a Troia; no terceiro livro da *Odisseia*, onde se diz que Filoctetes foi um dos heróis que retornou em segurança; também no livro oitavo em que Odisseu comenta ser Filoctetes o único a superá-lo na habilidade com o arco. Além de Homero (c. VII a.C.), também encontramos referências a Filoctetes em Píndaro (c. 522–443 a.C.) e Bacíllides (c. 516–451 a.C.), entre outros<sup>3</sup>. Também Ésquilo (c. 525–455 a.C.) e Eurípides (c. 480–406 a.C.) produziram tragédias intituladas *Filoctetes*. Embora não tenham chegado até nós, conhecemo-las minimamente através de Dio Crisóstomo (c. 40–120 d.C.) — anteriormente Dio de Prusa — que, em sua quinquagésima segunda oração, trata das três diferentes versões de *Filoctetes* escritas por Ésquilo, Eurípides e Sófocles. Apesar das variações, podemos estabelecer que o núcleo do mito consiste no abandono de Filoctetes na ilha de Lemnos por Odisseu e pela armada grega que rumava a Troia. Filoctetes foi picado no pé por uma serpente, e sua ferida não o mata, apesar de causar terríveis dores e emanar pus e fétido odor. Perto do fim do combate em Troia, um oráculo profetiza que a cidade só será tomada — embora haja divergência entre os críticos em relação à profecia<sup>4</sup> — com a presença de Filoctetes e com o arco e as flechas de Hércules, naquele tempo em posse do herói abandonado na ilha. Odisseu é encarregado, então, de buscar Filoctetes em Lemnos e conduzi-lo à cidadela. Com Filoctetes reforçando o exército aqueu, a cidadela é finalmente derrotada.

A guerra de Troia está diretamente presente nesta tragédia. Embora a ação se desenvolva na ilha de Lemnos, distante das praias de Ílion, os eventos estão intimamente relacionados com a guerra. Filoctetes foi abandonado na ilha com a intenção de não prejudicar a viagem da frota e é resgatado unicamente para que a frota obtenha o sucesso projetado. Neoptólemo tem por objetivo participar da guerra e conquistar glórias militares. Odisseu aceita a missão de trazer Filoctetes de volta ao combate para acelerar a conquista e retornar ao lar de onde não queria partir. Testemunhamos nessa tragédia um esforço do exército grego de reorganização interna, ou seja, de que maneira a hierarquia militar lida com um dissidente importante, Filoctetes, que, por ter sido traído e desterrado, ao deparar-se com a oportunidade de ser reincorporado ao exército, se recusa terminantemente a submeter-se ou reconciliar-se. A simples reintegração à sociedade não lhe basta. Seu ódio pelos antigos companheiros militares que o abandonaram e traíram, quando, por seu ferimento, deixou de ser útil, impossibilita qualquer reconciliação.

O isolamento durante dez anos, o rancor justificado pela traição e seu ferimento que o põe rastejante o animalizam em certa medida. Mesmo nessa condição, Odisseu vê necessidade de certas precauções na abordagem de Filoctetes. O desterrado, mesmo ferido, apresenta uma ameaça séria em caso de combate, pois, além de exímio arqueiro, está armado com o arco de Apolo, recebido pelas mãos de Hércules juntamente com flechas banhadas no venenoso sangue da Hidra. Odisseu engendra seu sofisma como um recurso que lhe permite evitar o combate físico com Filoctetes.

---

3 Para mais detalhes sobre referências ao mito de Filoctetes, cf. SANTOS, p. 21; ROISMAN, p. 24–40.

4 Para mais detalhes sobre a profecia de Heleno e as divergências interpretativas, cf. HINDS, 1967.

A abordagem indireta de Odisseu é delineada já no prólogo, em que o vemos exercitando suas estratégias sofisticadas. Ao vocativo “Neoptólemo”, no verso 4, o filho de Laertes vincula as glórias e a fama de Aquiles e, a seguir, explica que abandonou Filoctetes naquela ilha, seguindo as ordens de seus comandantes:

ἔνθ', ὃ κρατίστου πατρὸς Ἑλλήνων τραφεῖς  
Ἀχιλλέως παῖ Νεοπτόλεμε, τὸν Μηλιᾷ  
Ποίαντος υἱὸν ἐξέθηκ' ἐγὼ ποτε,  
ταχθεὶς τόδ' ἔρδειν τῶν ἀνασσόντων ὕπο,

onde, ó Neoptólemo, filho nascido do melhor pai dentre os gregos,  
Aquiles, o Maliense,  
filho de Poiante, deixei eu certa vez,  
obedecendo o que foi ordenado pelos reis,  
(Sófocles, *Filoctetes*, 3–6)

Nesses versos, Odisseu estabelece a hierarquia militar como um valor a ser seguido e aceito, um código de conduta ao qual ele adere, tornando-o parte de algo maior que o simples indivíduo. Esse posicionamento será fundamental na persuasão de Neoptólemo durante o desenvolvimento da ação. A coletividade militar e a aceitação da hierarquia são apresentadas a Neoptólemo como fundamentais para a obtenção das honras marciais do combate. A Atenas de Sófocles, diferentemente do que encontramos nos épicos homéricos, já não depende de grandes heróis mitológicos que lutem em combates individuais por suas causas, mas do exército hoplita, em que a rigorosa disciplina, organização e coordenação predominam como vantagens estratégicas. Em um exército hoplita, participam primeiramente cidadãos capazes de pagar pelo seu próprio armamento e que voluntariamente aceitam o comando de um seu semelhante ou por votação ou por sorteio, como de fato se escolhiam muitos generais atenienses.

No caso de Neoptólemo, a necessidade de persuadi-lo a aderir voluntariamente à máquina de guerra grega, além de remeter ao contexto homérico de organização militar, também advém de seu *status* de nobre, quase idêntico ao de Odisseu. Apesar de mais jovem e inexperiente, Neoptólemo pertence a uma linhagem, cuja mão não pode ser forçada pelo chicote. Ressoa na tragédia em questão, através da necessidade de persuadir Neoptólemo a agir de tal ou qual maneira, a autonomia de Aquiles na *Ilíada* como um dos temas principais da obra. Os três heróis em questão têm autonomia para aderir ou não ao exército grego, e suas decisões têm consequências. Nesse tríplice conflito, Odisseu representa o sistema de valores de uma sociedade guerreira, como alguém que “já se adaptou à situação com flexibilidade” (REINHARDT, 2007, p. 189, tradução de Oliver Tolle) e está preocupado com a vitória e com as condições de seus companheiros. Filoctetes é a peça discordante que odeia

a sociedade que nada lhe deu, que não viu nele o homem e dele fez peça da máquina, lançada fora e procurada consoante as circunstâncias. (...) o poder e os homens seus representantes que o rejeitaram, quando não servia, e o foram buscar pressurosos, quando se tornou necessário, sem terem na mínima conta o homem que ele era. (FERREIRA, 2002, p. 12)

Filoctetes tem relativa autonomia para recusar esse sistema que também o recusou e o traiu quando mais precisou, mas o preço de sua honra é o total isolamento e o despojamento de sua humanidade em favor de uma guerra. Neoptólemo, em contrapartida, ainda não marcado por decisões prévias próprias, vê-se livre para escolher diante de uma injustiça

engendradora pela própria sistemática da organização social e da guerra que tanto deseja, enquanto meio para a conquista de honras e que o aproximaria da história de seu pai, Aquiles. Estão em conflito a cooperação entre os indivíduos em sua forma mais restrita e disciplinada, a hierarquia militar, e a individualidade e autonomia na tomada de decisões. “No *Filoctetes*, Sófocles toma nitidamente partido pela desobediência, pela autonomia da consciência individual e pela transcendência de valores” (FERREIRA, 2002, p. 27).

A guerra constitui o pano de fundo com o qual Neoptólemo inicialmente se aproximará de Filoctetes. Odisseu está esclarecendo sua proposta de como enganar Filoctetes e tomar-lhe o arco e, no verso 56 e seguintes, estabelece os fundamentos do engodo.

Ὅταν σ' ἐρωτᾷ τίς τε καὶ πόθεν ἴσθαι,  
λέγειν Ἀχιλλέως παῖς· τόδ' οὐχὶ κλεπτέον·  
πλεῖς δ' ὡς πρὸς οἶκον, ἐκλιπὼν τὸ ναυτικὸν  
στράτευμα Ἀχαιῶν, ἔχθος ἐχθήρας μέγα,  
οἳ σ' ἐν λιταῖς στεῖλαντες ἐξ οἴκων μολεῖν,  
μόνην γ' ἔχοντες τήνδ' ἄλωσιν Ἴλιου,  
οὐκ ἠξίωσαν τῶν Ἀχιλλείων ὄπλων  
ἐλθόντι δοῦναι κυρίως αἰτουμένῳ,  
ἀλλ' αὐτ' Ὀδυσσεὶ παρέδοσαν· λέγων ὅσ' ἂν  
θέλης καθ' ἡμῶν ἔσχατ' ἐσχάτων κακά.

Quando te perguntar quem és e de onde vens,  
diz que é filho de Aquiles, isso não é preciso esconder,  
navegas para casa, tendo desertado da marinha  
dos Aqueus, odiando com muita raiva  
aqueles que implorando te suplicaram partir de casa  
afirmando essa era a única maneira de capturar Troia,  
não julgaram digno, as armas de Aquiles,  
dar-te quando chegaste reivindicando-as com direito,  
mas, ao contrário, deram-nas a Odisseu, diz o que  
quiseres contra nós, as piores coisas dentre as piores.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 56–65)

A descendência de Aquiles, um dos maiores guerreiros entre os aqueus, é importante para o estabelecimento de um vínculo de linhagem entre o jovem e o desterrado. Neoptólemo assegura assim sua nobreza e facilita o vínculo com Filoctetes, que compartilha alguns predicados com Aquiles. Ambos veementemente recusam cooperar com seus companheiros sob condições que consideram injustas. Na *Ilíada*, o motivo que leva Aquiles a se retirar do combate é também uma injustiça cometida contra ele. A escrava Briseida é tomada de Aquiles por Agamenon depois que esse aceitou libertar Criseida para livrar o exército grego da maldição de Apolo. Aquiles se revolta com a arbitrariedade de Agamenon e deserta do exército, mas sem partir das praias de Ílion. Com sua ausência nos combates, as forças invasoras sofrem pesadas derrotas. O sofisma que Odisseu, na tragédia em questão, sugere a Neoptólemo é bastante verossímil e aproxima Neoptólemo tanto de seu pai quanto de Filoctetes. Sendo filho de Aquiles, não surpreenderia sua recusa e deserção diante da injustiça. As armas que Neoptólemo alegaria ter direito, mas não ter recebido, não são ordinárias, foram feitas por Hefesto, o deus da metalurgia, a pedido da ninfa Tétis, mãe de Aquiles. O que está em disputa agora são armas míticas, as de Filoctetes, que, de acordo com a profecia de Heleno, serão necessárias para a tomada de Troia. A consequência da negativa de Neoptólemo é dada por Odisseu logo em seguida:

τούτω γὰρ οὐδέν μ' ἀλγυνεῖς· εἰ δ' ἐργάση  
μὴ ταῦτα, λύπην πᾶσιν Ἀργείοις βαλεῖς.  
εἰ γὰρ τὰ τοῦδε τόξα μὴ ληφθήσεται,  
οὐκ ἔστι πέρσαι σοὶ τὸ Δαρδάνου πέδον.

Com isso, em nada me afligirás. Se tal  
não fizeres, lançarás sofrimento sobre todos os argivos.

Pois, se o arco não for tomado dele,  
Não te será possível arrasar a terra de Dárdano.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 66–69)

Aí está o equilíbrio moral proposto por Odisseu. Nesse ponto, o filho de Laertes reduz o dilema moral a uma simples dualidade. Ou mentir, enganar e difamar as pessoas com quem Neoptólemo quer cooperar e por quem quer ser reconhecido, ou causar-lhes sofrimento e morte. Orador e comandante experiente, Odisseu reconhece o valor marcial do jovem Neoptólemo e tenta persuadi-lo a agir conforme a necessidade, adequando-se a uma ética própria da guerra, cheia de nuances. O filho de Aquiles vê-se, então, pressionado a optar por esse novo modelo ético que contraria, em boa medida, as idealizações aquilíneas. Como referido, Aquiles, na *Ilíada*, retira-se do combate devido a uma violação de sua noção de justiça e de sua inflexibilidade, tema recorrente na tragédia ática. Neoptólemo foi educado longe do pai, e as informações que possivelmente teria recebido sobre sua figura paterna proviriam de relatos de terceiros, que têm um certo paralelo nos textos homéricos.

A busca por esse pai ausente e distante ressoa a telemaquia, como aponta Whitby (1996, p. 32), ao salientar, nos versos 350-1, a razão apontada por Neoptólemo para sua ida a Troia.

μάλιστα μὲν δὴ τοῦ θανόντος ἡμέρω,  
ὅπως ἴδοιμ' ἄθαπτον· οὐ γὰρ εἰδόμην·

Mais que tudo, por saudade do falecido,  
para vê-lo ainda insepulto. Pois nunca o vi.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 350-1)

Neoptólemo, assim, confessa a falta de contato com Aquiles e revela seu desejo de comunhão com a figura paterna, que só pode ser realizada por intermédio de um terceiro elemento, seja a figura de Odisseu, a de Filoctetes ou dos ideais defendidos por Aquiles. Odisseu, em seu elaborado sofisma para tomar o arco de Filoctetes, oferece essa possibilidade de vinculação também através do desertado, estimulando Neoptólemo a aceitar e participar de seus planos.

Ὡς δ' ἔστ' ἐμοὶ μὲν οὐχί, σοὶ δ' ὁμιλία  
πρὸς τόνδε πιστὴ καὶ βέβαιος, ἔκμαθε.  
σύ μὲν πέπλευκας οὔτ' ἔνορκος οὐδενὶ  
οὔτ' ἐξ ἀνάγκης οὔτε τοῦ πρώτου στόλου,  
ἐμοὶ δὲ τούτων οὐδέν ἐστ' ἀρνήσιμον·  
ὥστ' εἴ με τόξων ἐγκρατὴς αἰσθήσεται,  
ὄλωλα, καὶ σὲ προσδιαφθερῶ ξυνών·

Fica sabendo que ele não comigo, mas contigo sim uma comunhão

Firme e genuína pode ter.

Navegaste sem ter jurado a ninguém,  
Nem por obrigação, nem na primeira expedição,

Quanto a mim, nada disso posso negar.  
Sendo assim, caso me perceba, estando com o arco  
Pereço e te ponho a perder por estar comigo.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 70–76)

Neoptólemo não fazia parte da primeira armada que foi a Troia, nem participou do juramento feito pelos pretendentes de Helena a seu pai, Tíndaro, de que todos os pretendentes defenderiam a honra de quem quer que com ela se casasse, razão da união da esquadra grega e da guerra. O filho de Aquiles não é, por isso, de forma alguma culpado ou vinculado ao abandono de Filoctetes na ilha de Lemnos. Sua inocência lhe permite ser mais convincente em seu ardil. A busca de Neoptólemo por seu pai o conduz a situações que promovem seu amadurecimento, conforme apontou Whitby (1996, p. 32), mas, diferente de Telêmaco, Neoptólemo precisa encontrar seu caminho e decidir seus posicionamentos éticos e políticos em meio a uma guerra, que exige dele rapidez nas decisões.

Depois de propor levar o desterrado para Troia utilizando a força puramente física, pois impor sua vontade pela força é visto pelo jovem como mais digno do que dissimular e enganar, o jovem filho de Aquiles demonstra sua indecisão e uma breve consideração sobre o valor da hierarquia militar nos versos em que diz:

Πεμφθείς γε μέντοι σοὶ ξυνεργάτης ὀκνῶ  
προδότης καλεῖσθαι· βούλομαι δ', ἄναξ, καλῶς  
δρῶν ἐξαμαρτεῖν μᾶλλον ἢ νικᾶν κακῶς.

Certo que, tendo sido enviado como teu colaborador, temo  
ser chamado de traidor. Prefiro, de fato, senhor, falhar  
agindo bem que vencer ludibriando.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 93–95)

Nesse caso, Neoptólemo teme ser tachado de traidor, revelando seu apreço pelos valores e honras militares que almeja, valores esses que existem em favor do objetivo militar, a obtenção da vitória pragmática. A contradição apresentada nos argumentos e na postura de Neoptólemo parece refletir um questionamento sobre a possibilidade da manutenção da honra em meio às atrocidades da guerra, revelando uma possível idealização por parte do jovem em relação ao ambiente militar. Odisseu é, na presente circunstância, hierarquicamente superior a Neoptólemo, pois foi ele quem o trouxe nessa missão. Também colaboram fatores como idade, experiência e reconhecimento de seus feitos por parte de outros heróis. Tudo isso falta a Neoptólemo que, para justificar sua postura, apela para a vinculação paterna, invocando honras que não possuem nenhuma relação com a sua própria experiência de vida e, ainda por cima, lançando mão de narrativas de terceiros, ao dizer:

ἔφυν γὰρ οὐδὲν ἐκ τέχνης πράσσειν κακῆς,  
οὔτ' αὐτὸς οὔθ', ὥς φασιν, οὐκφύσας ἐμέ.

Pois nada engendro que provenha de praticar má arte,  
nem eu, nem, como dizem, o que me gerou.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 88-9)

A idealização paterna entrará em conflito com o pragmatismo necessário à execução da presente tarefa e imposto pela hierarquia militar. Nos versos seguintes, Odisseu prossegue na tentativa de persuadir Neoptólemo a aceitar o engodo, explicando o poder das armas de Filoctetes ao jovem e a seguir justificando a necessidade do embuste.

{NE.} Οὐκ αἰσχρὸν ἡγήθη δῆτα τὸ ψευδῆ λέγειν;  
 {OD.} Οὐκ, εἰ τὸ σωθῆναι γε τὸ ψεῦδος φέρει.  
 {NE.} Πῶς οὖν βλέπων τις ταῦτα τολμήσει λακεῖν;  
 {OD.} Ὅταν τι δρᾶς εἰς κέρδος, οὐκ ὀκνεῖν πρέπει.  
 {NE.} Κέρδος δ' ἐμοὶ τί τοῦτον ἐς Τροίαν μολεῖν;  
 {OD.} Αἰρεῖ τὰ τόξα ταῦτα τὴν Τροίαν μόνα.  
 {NE.} Οὐκ ἄρ' ὁ πέρσων, ὡς ἐφάσκειτ', εἴμ' ἐγώ;  
 {OD.} Οὐτ' ἂν σὺ κείνων χωρὶς οὐτ' ἐκεῖνα σοῦ.  
 {NE.} Θηρατέ' <ἄν> γίγνοιτ' ἄν, εἴπερ ᾧδ' ἔχει.  
 {NE.} Não julgas absolutamente desonroso mentir?  
 {OD.} Se da mentira provém a salvação, não.  
 {NE.} Com que cara alguém ousa proferir essas coisas?  
 {OD.} Quando quer que faças algo visando o lucro, não se deve hesitar.  
 {NE.} E no que eu lucro com a ida dele a Troia?  
 {OD.} Apenas este arco toma Troia.  
 {NE.} Não sou eu seu devastador como dissestes?  
 {OD.} Nem tu sem tal, nem tal sem ti.  
 {NE.} Então é caçar, se assim é.  
 (Sófocles, *Filoctetes*, 108–116)

O filho de Aquiles parece questionar honestamente a postura de Odisseu, aceitando premissas que o aproximam do herói pragmático da guerra e o afastam do ideal heroico que mantinha. O filho de Laertes propõe a existência de um limite para a noção de que há desonra em mentir, nesse caso, o limite que justificaria a mentira é a alegada busca pela salvação. Nessa condição, seria permitido dissimular e enganar. O convencimento faz-se aos poucos, através da relativização de conceitos absolutos defendidos por Neoptólemo. Depois de Odisseu sugerir que é aceitável mentir em alguns casos e que o desejo de lucro e glória justifica o embuste, Neoptólemo parece dar-se por satisfeito e parte para uma especulação sobre as possíveis consequências de suas ações, interrogando quais benefícios receberia participando do sofisma. Quando Neoptólemo percebe que não seria ele sozinho o responsável pela salvação da tomada de Troia e que tal empreitada necessariamente envolve, em certa medida, a interação com Filoctetes e outros heróis, prontamente conclui que é preciso aceitar o plano de Odisseu. Por ora, a sede de glórias marciais do jovem filho de Aquiles impera sobre seus escrúpulos. O filho de Laertes consolida a aceitação do jovem ao acrescentar detalhes sobre as glórias a que seu sofisma conduz, primeiro mencionando dois prêmios que caberiam a Neoptólemo e apenas depois esclarecendo-os:

{OD.} Ὡς τοῦτό γ' ἔρξας δύο φέρη δωρήματα.  
 {NE.} Ποίω; μαθὼν γὰρ οὐκ ἂν ἀρνοίμην τὸ δρᾶν.  
 {OD.} Σοφός τ' ἂν αὐτὸς κάγαθός κεκλή' ἄμα.  
 {NE.} Ἴτω· ποιήσω, πᾶσαν αἰσχύνην ἀφείξ.  
 {OD.} Fazendo isso assim mesmo, levás dois prêmios.  
 {NE.} Quais? Pois os conhecendo, não negaria a tarefa.  
 {OD.} Ao mesmo tempo sábio e nobre te considerarão.  
 {NE.} Vamos! Farei, tendo posto de lado todo o senso de honra.  
 (Sófocles, *Filoctetes*, 117–120)

É interessante ressaltar a exploração especulativa de Neoptólemo sobre as consequências de seus atos e como Odisseu se posiciona como mediador de conclusões que não passam de previsões possíveis, quando muito, prováveis. Além de devastar e saquear Troia,

a promessa de ser considerado “*ao mesmo tempo* sábio e nobre” (Sófocles, *Filoctetes*, 119, grifo nosso) parece constituir momento fundamental da persuasão de Neoptólemo. Mesmo que no presente momento seja impossível resolver a situação conflitante em que se contra-põem moral idealizada e pragmatismo, a possibilidade de conciliação futura dos predicados resolve a polêmica que impede a ação. A aceitação e a exortação à ação no verso 120 dão início ao desenrolar do embuste e indicam que, pelo menos momentaneamente, Neoptólemo aceita abandonar seus ideais em favor do pragmatismo acrescido da fama e do reconhecimento posterior.

Alguns versos adiante, em diálogo com o coro, Neoptólemo medita sobre o caráter da maldição de Filoctetes, no que parece ser uma acomodação do que foi dito por Odisseu. O jovem parece tentar se convencer de que as duras penas e o isolamento terrível de Filoctetes não estão relacionados com a traição dos homens, mas que têm, de fato, causas divinas:

Οὐδὲν τούτων θαυμαστὸν ἐμοί·  
θεῖα γάρ, εἴπερ κἀγὼ τι φρονῶ,  
καὶ τὰ παθήματα κείνα πρὸς αὐτὸν  
τῆς ὠμόφρονος Χρύσης ἐπέβη,  
καὶ νῦν ἂ πονεῖ δίχρα κηδεμόνων,  
οὐκ ἔσθ' ὡς οὐ θεῶν του μελέτη,  
τοῦ μὴ πρότερον τόνδ' ἐπὶ Τροίᾳ  
τεῖναι τὰ θεῶν ἀμάχητα βέλη,  
πρὶν ὄδ' ἐξήκοι χρόνος ὃ λέγεται  
χρῆναί σφ' ὑπὸ τῶνδε δαμῆναι.

Nada disso me admira.  
Divinos, pois, se entendo de algo,  
esses seus infortúnios,  
da selvagem ilha de Crise provêm  
que agora sofre sem quem o ajude,  
não há como não ser pela vontade de algum dos deuses  
para que em Troia  
não lance as invencíveis e divinas flechas  
antes que se alcance este momento em que se diz  
ser preciso que ela, por essas, seja subjugada.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 191–200)

Neoptólemo relativiza seu próprio conhecimento no verso 192, marcando o caráter especulativo de seu raciocínio e incerto das informações que possui, muitas vezes baseadas, como mencionado, em relatos de terceiros. Na presente citação, tal incerteza pode ser percebida pela expressão “se diz” do verso 199, conforme salienta Pucci (2003, p. 186). O jovem não tem acesso a informações de fontes primeiras, mas julga de acordo com as aparências, acreditando na validade da vontade divina. Atribuindo aos deuses as causas do sofrimento de Filoctetes, Neoptólemo, de certa forma, credita a seus comandantes alguma medida de isenção, amenizando os conflitos morais que surgiriam ao associar-se e cumprir as ordens de um exército capaz de tal sórdida ação. A autonomia dos homens em relação aos poderes divinos é minorada pelo filho de Aquiles, o que, em parte, o auxilia na tomada de decisão, projetando, no desfecho da guerra, uma solução para seu dilema.



Logo a seguir, Filoctetes se aproxima para encontrar Neoptólemo; depois das primeiras palavras, o filho de Aquiles anuncia sua identidade a partir do verso 239 e que vem de Ílion no verso 245, dando início ao reconhecimento e a troca inicial de informações. Quando, no verso 248, Neoptólemo pergunta se o maliense também participou da expedição a Troia “Ἡ γὰρ μετέσχες καὶ σὺ τοῦδε τοῦ πόνου; / Pois tomaste também tu parte deste sofrimento?”, Filoctetes se horroriza com a possibilidade de ter sido esquecido, de que todos os seus sofrimentos sejam desconhecidos e apresenta-se a Neoptólemo, narrando-lhe sua miséria e infortúnio. É com base na narrativa de Filoctetes que o filho de Aquiles inicia sua tentativa de aproximação, fingindo também ter sido ofendido pelos mesmos homens que traíram e abandonaram o filho de Poiante. Neoptólemo conta como foi convocado a combater em Troia e como lhe foram negadas as armas de seu pai até que, nos versos 382 a 390, revela seu rompimento com a armada e seu isolamento voluntário.

Τοιαῦτ' ἀκούσας κάξονειδισθεὶς κακὰ  
 πλέω πρὸς οἴκους, τῶν ἐμῶν τητῶμενος  
 πρὸς τοῦ κακίστου κάκ κακῶν Ὀδυσσέως.  
 Κοῦκ αἰτιῶμαι κείνον ὡς τοὺς ἐν τέλει·  
 πόλις γὰρ ἔστι πᾶσα τῶν ἡγουμένων  
 στρατός τε σύμπαρ, οἱ δ' ἀκοσμοῦντες βροτῶν  
 διδασκάλων λόγοισι γίγνονται κακοί.  
 Λόγος λέλεκται πᾶς· ὁ δ' Ἀτρείδας στυγῶν  
 ἐμοί θ' ὁμοίως καὶ θεοῖς εἶη φίλος.

Tendo ouvido essas palavras e tendo sido duramente repreendido,  
 navego para casa, privado do que é meu  
 pelo pior dos piores, Odisseu.  
 E não o acuso como os que estão no poder,  
 Pois uma pólis pertence integralmente aos chefes  
 bem como o exército e tudo mais. Os mortais praticantes de injustiças  
 se tornam maus pelas palavras dos professores.  
 Está dita toda a história. Quem odiar os atridas  
 seja bem quisto pelos deuses como por mim.  
 (Sófocles, *Filoctetes*, 382–390)

Nesse ponto, Neoptólemo revela ter rompido com o exército de que faria parte por ter sido ofendido e por ter tido seus bens confiscados, motivo bastante semelhante ao que levou a Aquiles a se retirar do combate, embora esse não tenha abandonado a região. Neoptólemo parece demonstrar ter as mesmas qualidades do pai, porém com maior intensidade. Se Aquiles se retira do combate, recusando a cooperação, Neoptólemo, em seu relato falso, faz o mesmo e ainda por cima viaja para longe. Em uma ironia sofocliana, Neoptólemo diferencia o erro de Odisseu do de seus comandantes, defendendo a hierarquia, a obediência e sugerindo que é pela palavra que os subalternos são corrompidos pelos seus líderes. É interessante como a transposição da ofensa de Odisseu para os seus comandantes justifica o rompimento com a integralidade da armada grega, mas, em contrapartida, Neoptólemo, adiante na tragédia, irá ele mesmo se rebelar contra as ordens de Odisseu, recusando tornar-se um praticante de injustiça, recusando as palavras de seu professor. A situação que Neoptólemo defende aqui, de total não cooperação com os gregos, serve principalmente para aproximá-lo de Filoctetes, isto é, para permitir que Filoctetes se identifique com o filho de Aquiles pelo ódio compartilhado, explícito no verso 403, em que Filoctetes diz:

Ἔχοντες, ὡς ἔοικε, σύμβολον σαφές

λύπης πρὸς ἡμᾶς, ὧ ξένοι, πεπλεύκατε,  
καί μοι προσάδεθ' ὥστε γιγνώσκειν ὅτι  
ταῦτ' ἐξ Ἀτρείδων ἔργα κάξ' Ὀδυσσέως.

Tendo, como parece, um claro sinal  
de dor parecido com o meu, ó estrangeiros, navegastes,  
e harmonizais comigo tanto que reconheço  
os trabalhos de Odisseu e dos Atridas.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 403–406)

Filoctetes utiliza uma expressão musical para manifestar sua concordância com o relato prévio cantado pelo coro que remete à narrativa de Neoptólemo. Performances musicais por mais de um indivíduo ao mesmo tempo são formas simbólicas de cooperação e é exatamente cooperação que Filoctetes busca nesse ponto como meio para a salvação. Tem consciência da repugnância de sua ferida e de que será preciso alguém disposto a vencer o asco para ajudá-lo. Segue-se a revelação de que Ajax também morreu. Filoctetes comenta que tais fatos não o espantam, exceto que Ajax não tenha impedido Odisseu de perpetrar ações más. Aos poucos, Filoctetes descobre que os heróis que julgava valorosos estão mortos, ao passo que os que julgava indignos ainda vivem, até que Neoptólemo sintetiza o fenômeno nos versos 435 e seguintes:

(...) λόγῳ δέ σ' <έν> βραχεῖ  
τοῦτ' ἐκδιδάξω· πόλεμος οὐδέν' ἄνδρ' ἐκῶν  
αἰρεῖ πονηρόν, ἀλλὰ τοὺς χρηστοὺς αἰεῖ.

(...) Em breves palavras te  
explicarei isso: por si, a guerra nenhum homem  
mau toma, mas os bons sempre.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 435–437)

Com tal explicação, Neoptólemo não apenas reforça, aos olhos de Filoctetes, o sofisma proposto por Odisseu, mas também contradiz o apreço pela guerra que também em parte o motivou a aceitar a convocação e a buscar o combate. A guerra injusta que causa a morte e a desgraça dos homens valorosos, como é o caso de Filoctetes, preserva e recompensa os vis, como Odisseu e Tersites, mencionado no verso 442 por Filoctetes. Tersites é um personagem mencionado na *Ilíada*, Livro 2, versos 212 e seguintes, descrito como “ἀμετροεπής, de palavras desmedidas” (212), que não fala, mas “ἐκόλῳα, grasna” (idem), de aspecto “γελοῖτον, risível” (215), “αἰσχιστος δὲ ἄνῆρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε, O homem mais feio dos que foram a Ilíon” (216), “φορκὸς, vesgo” (217), “χῳλὸς, manco” (idem), com “οἱ ὄμω κυρτὸ ἐπὶ στῆθος συνοχωκότε, os ombros curvados sobre o peito” (217-8) e ainda por cima a “φοξὸς ἔην κεφαλῆν, cabeça era pontuda” (219) e “ψεδνή δ' ἐπενήνοθε λάχνη, coberta por pouco cabelo” (idem). Tersites era odiado por Aquiles e por Odisseu, feio, ridículo, com voz ruim e além de tudo semeava a discórdia entre os heróis e o exército aqueu. O personagem representa tudo que há de anti-heroico na epopeia. Sófocles, ao fazer com que Filoctetes despreze Tersites, está vinculando o desterrado aos melhores valores heroicos exaltados na épica homérica. Pucci salienta que Neoptólemo, na cena em questão, aproxima Odisseu e Tersites diante de Filoctetes (2003, p. 213) e que a ideia de que a guerra ceifa os valorosos e preserva os vis é, como nota Pucci, “uma visão popular, da qual numerosos textos são prova” (2003, p. 212). Ainda vale salientar que a resposta positiva de Neoptólemo, de que Tersites vive, é possivelmente parte do engodo, uma vez que, ainda referindo o texto de Pucci (2003, p. 213), a *Etiópida* de Actino de Mileto, um poema épico do ciclo troiano

provavelmente do século VII a.C., relata a morte de Tersites por Aquiles. Filoctetes, após ouvir tais palavras, revela sua indignação.

Ἔμελλ' ἐπεὶ οὐδέν πω κακόν γ' ἀπόλετο,  
ἀλλ' εὖ περιστέλλουσιν αὐτὰ δαίμονες·  
καὶ πῶς τὰ μὲν πανοῦργα καὶ παλιντριβῆ  
χαίρουσ' ἀναστρέφοντες ἐξ Ἴδου, τὰ δὲ  
δίκαια καὶ τὰ χρήστ' ἀποστέλλουσ' αἰεὶ.  
Ποῦ χρὴ τίθεσθαι ταῦτα, ποῦ δ' αἰνεῖν, ὅταν  
τὰ θεῖ' ἐπαθρῶν τοὺς θεοὺς εὖρω κακούς;

Certamente, visto que nenhum vil pereceu,  
mas bem os adornam os deuses  
e assim a corja e os maliciosos  
regojizam retornando do Hades, mas  
sempre despacham o justo e o virtuoso.

Como se pode compreender isso, como exaltar, se quando quer que  
se louva os divinos, descubro os maus?  
(Sófocles, *Filoctetes*, 446–452)

As palavras de Neoptólemo alcançam o efeito desejado, arrasando com qualquer expectativa de Filoctetes, que se convence completamente de que os próprios deuses defendem os injustos e invertem a ordem do mundo, recompensando a vileza e punindo a virtude. O cerco metafísico se fecha sobre Filoctetes, deixando-o completamente sem esperança e convencido da injustiça divina que o pune com serpentes míticas. Situação que só poderá ser revertida com a interferência direta dos deuses ao final de tragédia.

Posteriormente Filoctetes, depois de ter implorado, imagina ter convencido o jovem a salvá-lo e a levá-lo para casa. Filoctetes, certo do resgate e da cooperação com o jovem filho de Aquiles, vê o esforço suspenso quando é anunciada a chegada de um estranho que traz notícias de Troia. Trata-se do enviado de Odisseu que vem para apressar o embarque de Filoctetes, mentindo também sobre uma missão que teria recém partido em busca de Neoptólemo, composta por Fênix e pelos filhos de Teseu. Neoptólemo questiona por que o próprio Odisseu não vem ao seu encaço, então o estranho revela que Odisseu, juntamente com Tideu, partira em busca de Filoctetes. O enviado segue revelando parcialmente a profecia de Heleno, o que convence Filoctetes da necessidade imediata de sua partida. Filoctetes, então, prepara-se, busca seu arco, as flechas e uma erva que alivia seu mal. Ao dirigirem-se ao barco, Neoptólemo, vendo o arco, comenta sua origem e pergunta se, caso lhe seja lícito, pode admirá-lo, sem demonstrar grande ansiedade, o que dá ainda mais credibilidade a suas intenções. Filoctetes lhe concede a posse do arco de coração aberto, confiando plenamente no amigo que o livra do perigo quando mais é necessário. O elogio de Filoctetes a Neoptólemo nesse ponto pode ser visto como crucial no recuo do jovem filho de Aquiles, uma vez que é a última fala longa de Filoctetes antes da crise de dor durante a qual Neoptólemo finalmente recebe o arco.

Ao testemunhar a crise de Filoctetes, entretanto, Neoptólemo parece recuar de sua decisão de abandonar qualquer escrúpulo e, de posse do arco, que lhe foi entregue livremente por Filoctetes momentos antes, decide revelar suas reais intenções, convencido de que é preciso levar também Filoctetes e não apenas suas armas. Sua verbalização diante de Filoctetes tem início no verso 895 em que diz “Παπαῖ· τί δῆτ' <ἄν> δρῶμι' ἐγὼ τοῦνθένδε γε; / Ai ai! Que poderia eu fazer daqui pra frente?” (Sófocles, *Filoctetes*, 895) e segue à

medida em que Filoctetes questiona os motivos da dúvida de Neoptólemo até que no verso 915 finalmente revela sua aflição, dizendo “Οὐδέν σε κρύψω· δεῖ γὰρ ἐς Τροίαν σε πλεῖν πρὸς τοὺς Ἀχαιοὺς καὶ τὸν Ἀτρειδῶν στόλον. / Nada te esconderei. Pois é-te preciso navegar para Troia para os Aqueus e a expedição dos Atridas.” (Sófocles, *Filoctetes*, 915).

O jovem Neoptólemo não resiste ao sofisma. O desenvolvimento da mentira, a total fragilidade, confiança e entrega de Filoctetes fazem com que Neoptólemo recue de sua decisão anterior e revele parcialmente o plano. Comove-se o jovem que hesitantemente aceitou participar do esquema em nome da hierarquia e das glórias da guerra, ao ver diante de si o sofrimento imposto arbitrariamente a um soldado que já não serve mais ao propósito da guerra e o utilitarismo que os obriga a resgatá-lo. O testemunho do sofrimento causa grande impacto no jovem que subitamente se encontra sem motivação para dar continuidade ao plano. A guerra que Neoptólemo idealizava no começo da tragédia revela outros matizes não tão desejados pelo jovem. Seus primeiros contatos com o sofrimento afetam-no profundamente. O filho de Aquiles procura informar Filoctetes sobre o futuro que os aguarda em Ílion, a devastação de Troia, e a cura de sua chaga, mas Filoctetes revela-se irredutível e exige que o arco lhe seja restituído, ao que Neoptólemo responde “Ἄλλ' οὐχ οἷόν τε· τῶν γὰρ ἐν τέλει κλύειν τό τ' ἔνδικόν με καὶ τὸ συμφέρον ποεῖ. / Não é possível. Pois o justo e o interesse fazem-me obedecer os que comandam.” (Sófocles, *Filoctetes*, 925-6). Diante dos lamentos e súplicas de Filoctetes, Neoptólemo revela seu desejo mais infantil de nunca ter chegado a essa circunstância, de nunca se ver obrigado a tomar decisões tais como essas e o diz nos versos 969 e 970:

Οἶμοι, τί δράσω; μὴ ποτ' ὄφελον λιπεῖν  
τὴν Σκῦρον· οὕτω τοῖς παροῦσιν ἄχθομαι.

Ai de mim! Que farei? Tivesse eu nunca deixado  
Ciros! Assim não estaria agravado com tais pesares!  
(Sófocles, *Filoctetes*, 969-70).

Encontramos aqui a revelação do que mais aflige o jovem: o amadurecimento. Não está apenas dividido entre a esfera de influência de Filoctetes e Odisseu, entre a honra familiar, isto é, o modelo ético de seu pai, e o pragmatismo, mas também entre a infância descompromissada e inocente, e a complexidade da vida adulta, entre a idealização infantil das glórias da guerra e os trabalhos prosaicos, sem o qual nada é possível.

Odisseu reaparece em cena, revelando-se o mentor do plano para o maior horror de Filoctetes. O filho de Laertes revela que o retorno do desterrado a Troia é comandado pelos deuses, mas horrorizado com a situação, o filho de Poiante recusa-se a acreditar e lamenta que tenha sido criado para tão tenebrosa desgraça, ao que Odisseu responde:

Οὐκ, ἀλλ' ὁμοίους τοῖς ἀρίστοισιν, μεθ' ὧν  
Τροίαν σ' ἐλεῖν δεῖ καὶ κατασκάψαι βίᾳ.

Não, mas semelhantes aos melhores, com os quais  
Troia te é preciso tomar e arrasar pela força.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 997-998)

Nesses versos, depois do desespero de Filoctetes e a dúvida de Neoptólemo, Odisseu retoma a noção homérica da guerra, focando no objetivo último que os colocou na atual circunstância, mas sem efeito. O filho de Poiante se recusa terminantemente a participar ou cooperar em qualquer medida com os que o abandonaram e ameaça suicidar-se, jogando-se

dos penhascos de Lemnos. Odisseu ordena que Filoctetes seja contido para que não se mate, o que sugere que o próprio Filoctetes, e não apenas o arco, são necessários em Troia e que a ameaça, nos versos 1055 e seguintes, de deixá-lo novamente sozinho seja talvez um blefe.

Já mais próximo ao final, depois de Filoctetes implorar ao coro que não o abandone, Neoptólemo retorna para tentar reparar o mal que fez, seguido por Odisseu. O filho de Aquiles está arrependido de ter participado do sofisma e decide que romper com a hierarquia militar e com o exército é o melhor a fazer. Neoptólemo devolve o arco a Filoctetes e confia ser capaz de deter a armada grega, caso decidam persegui-lo em retaliação a sua insubordinação, como mencionado no verso 1253 por Odisseu. A decisão de Neoptólemo fica explícita no verso 1246, em que responde à alegação de Odisseu de que o jovem filho de Aquiles não está mostrando sabedoria em suas palavras e ações:

Ἄλλ' εἰ δίκαια, τῶν σοφῶν κρείσσω τάδε.

Mas, se for justo, é melhor que a sabedoria.  
(Sófocles, *Filoctetes*, 1246)

Neoptólemo se reaproxima do suposto código de valores de Aquiles, recusando a sabedoria sofisticada de Odisseu, que contorce conceitos em favor do objetivo a ser alcançado. Neoptólemo almeja novamente a honra conforme exposta por Filoctetes em suas falas. A sabedoria deve submeter-se à justiça. Neoptólemo, nesse ponto, teria abandonado suas pretensões de alcançar a glória. O jovem parece disposto a correr o risco de ser considerado, junto com Filoctetes, um pária e, defendendo seus ideais, entrar em guerra com a armada grega. As dúvidas e hesitações do início da tragédia desapareceram, e o jovem, que tratava Odisseu com respeito e reverência, agora se mostra altivo e desafiante, confiante em suas habilidades marciais. Adiante, contudo, Neoptólemo, em uma última tentativa de persuasão, pergunta a Filoctetes, depois de Odisseu se afastar, quais suas intenções, se lutar em Troia ou continuar sofrendo; finalmente convencido da determinação do arqueiro, devolve-lhe as armas. Odisseu reaparece, tentando proibir Neoptólemo de rearmar Filoctetes, mas sem efeito. Quando Filoctetes prepara-se para disparar contra Odisseu, o jovem filho de Aquiles intervém, segurando a mão do arqueiro e, defendendo honra e justiça, alega que seria desonroso matar o filho de Laertes.

Há nova tentativa por parte de Neoptólemo de convencer Filoctetes a aceitar o retorno a Troia onde, segundo a profecia, será curado de sua chaga. O portador do arco, entretanto, determinadamente nega a oferta, mesmo diante das alegações do jovem filho de Aquiles de que essa é a vontade dos deuses. Por fim, o jovem desiste de convencê-lo.

{NE .} Ἄλλ' ἐκβαλόντες εἰ πάλιν σώσουσ' ὄρα.

{ΦΙ .} Οὐδέποθ' ἐκόντα γ' ὥστε τὴν Τροίαν ἰδεῖν.

{NE .} Τί δῆτ' ἂν ἡμεῖς δρῶμεν, εἰ σέ γ' ἐν λόγοις

πεῖσειν δυνησόμεσθα μηδὲν ὦν λέγω;

ὄρα 'στ' ἐμοὶ μὲν τῶν λόγων λῆξαι, σέ δὲ

ζῆν, ὥσπερ ἤδη ζῆς, ἄνευ σωτηρίας.

{ΦΙ .} Ἔα με πάσχειν ταῦθ' ἄπερ παθεῖν με δεῖ·

ἂ δ' ἦγεσάς μοι δεξιᾶς ἐμῆς θιγῶν,

πέμπειν πρὸς οἴκους, ταῦτά μοι πρᾶξον, τέκνον,

καὶ μὴ βράδυνε μηδ' ἐπιμνησθῆς ἔτι

Τροίας· ἄλις γάρ μοι τεθρύληται λόγος.

{NE.} Εἰ δοκεῖ, στείρωμεν.

{Ne. } Mas vê, os que te desterraram, agora podem te salvar.

{Fi. } Nunca, jamais verei Troia por vontade própria.

{Ne.} Que faremos então se, com palavras, te persuadir do que digo não podemos?

É hora de deixar as palavras, e te deixar viver, como já vives, longe da salvação.

{Fi. } Deixa-me sofrer o que devo sofrer.

O que disseste tocando minha mão direita, enviar-me para casa, faz isso, filho, e não demores nem fales mais de

Troia. Pois já lamentei o suficiente com gemidos.

{Ne. } Se estás decidido, que partamos.

(Sófocles, *Filoctetes*, 1391–1402)

O filho de Aquiles, depois de constatar a impossibilidade de convencer Filoctetes, desiste e resolve abandoná-lo com o arco para que continue vivendo como viveu os últimos dez anos. Filoctetes recusa a salvação, porque essa provém dos mesmos que o prejudicaram, ainda que essa seja a vontade divina. O filho de Aquiles parece finalmente aceitar a determinação do arqueiro em não participar da guerra e aceita levá-lo de volta ao lar. O jovem, entretanto, teme a represália dos aqueus, mas recebe o apoio de Filoctetes que lhe garante que, estando presente, não haveria ameaça ao filho de Aquiles, pois ajudar-lo-ia a defender-se.

Neoptólemo, assim, aceita a possibilidade de participar de uma guerra, embora não a de Troia, e a possibilidade de conquistar possíveis grandes honras defendendo, junto com Filoctetes, o ideal de virtude de seu pai ausente. Novamente Neoptólemo demonstra preocupação em opor-se aos gregos e dá boas-vindas ao apoio militar de um herói mais velho, Filoctetes, reforçando a noção telemáquica e minando a demonstração prévia de segurança do jovem diante de Odisseu. O filho de Aquiles partiu inicialmente em uma missão para conquistar novos recursos para o exército grego em Troia, o que seria uma garantia de futuras glórias para si, a oportunidade de arrasar Ílion, uma guerra da qual seu pai participou. O jovem chega com Odisseu à ilha de Lemnos sem convicção de sua missão e, conforme Odisseu apresenta o estratagema, hesita por questões morais, sobre a justiça de agir abandonando um código de conduta similar ao de seu pai por um pequeno período de tempo para posteriormente conquistar glórias, segundo o filho de Laertes, próximas às de Aquiles, mas limitadas em sua similaridade pelo uso do engodo, astúcia e mentiras, elementos vistos de forma negativa pelo jovem e mais comumente relacionados a Odisseu. A guerra que almeja, que o motiva, inicialmente é a guerra descrita pelo filho de Laertes e provavelmente pelos heróis que precisam de Neoptólemo em combate para a realização da profecia.

Durante a tragédia, contudo, Neoptólemo conhece outro aspecto do combate, um aspecto com que o jovem não parece estar familiarizado, a dor, o sofrimento e o abandono dos descartados pelo pragmatismo e utilitarismo do combate, valores que, nesse contexto, são defendidos por Odisseu. O filho de Aquiles tem dificuldade em acomodar essa nova percepção dos efeitos da guerra.

A tomada de decisão, em que não basta apenas seguir e obedecer os mais velhos e mais experientes, mas em que é preciso também avaliar as ordens e decidir segui-las ou não, promove um crescimento no personagem, embora não resolva completamente sua in-

segurança. Suas decisões afetarão suas relações futuras com os heróis, e o jovem percebe, durante a interação com Filoctetes, as possíveis consequências de seus atos e decisões. Com essa experiência, Neoptólemo conquista uma autonomia relativa maior do que a inicial na tragédia e se aproxima do esposamento de ideais absolutos como os de Filoctetes, seu pai e tantos outros heróis trágicos. Esse amadurecimento se dá em relação à percepção dos efeitos da guerra distante, uma percepção que, nessa tragédia, é feita indiretamente, por fragmentos de relatos de outros personagens e diretamente pelo sofrimento presente de Filoctetes. O desejo de Neoptólemo de participar da guerra de Troia e aproximar-se de seu pai se modifica por sua interação com Filoctetes e pelo testemunho de seu sofrimento. A sede de combate e glórias de Neoptólemo transforma-se em uma convicção de que a justiça deve prevalecer. Ao final da tragédia, antes da entrada de Herácles, Neoptólemo está preparado para aceitar os resultados das decisões que tomou e pronto para guerrear, se for preciso, em defesa do que acredita ser justo, afastado dos ardis de Odisseu, dos horrores e das ignomínias da guerra de Troia.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, T. W. (Ed.). *Homeri Ilias. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1931.*
- CHRYSOSTOM, D.; COHOON, J. W.; CROSBY, H. L. *Dio Chrysostom: Discourses LXI–LXXX.* Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1951.
- FERREIRA, José Ribeiro. “Introdução”. In: SÓFOCLES. *Filoctetes.* Trad. José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2002.
- HINDS, A. E. *The Prophecy Of Helenus In Sophocles’ Philoctetes.* *The Classical Quarterly (New Series)*, v. 17, n. 01, p. 169–180, 1967. Acesso em: 1/7/2011.
- LLOYD-JONES, H.; WILSON, N. G. *Sophoclis fabulae: recognoverunt brevique adnotatione critica instruxerunt.* Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1990.
- PUCCI, P.; AVEZZÙ, G.; CERRI, G.; SOPHOCLES. *Filottete. Testo greco a fronte.* Milano: Fondazione Lorenzo Valla, 2003.
- REINHARDT, K. *Sófocles.* Trad. Oliver Tolle. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- ROISMAN, H. *Sophocles: Philoctetes.* London: Duckworth, 2005.
- SANTOS, Fernando Brandão dos. “Introdução”. In: SÓFOCLES. *Filoctetes.* Trad. Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- SÓFOCLES. *Filoctetes.* Tradução Fernando Brandão Dos Santos. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Filoctetes.* Trad. José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2002.
- WHITBY, M. *Telemachus Transformed? The Origins of Neoptolemus in Sophocles’ “Philoctetes”.* *Greece & Rome, Second Series.* v. 43, n. 1, p. 31–42, 1 abr 1996.

Recebido em: 20/03/2015

Aceito em: 21/05/2015

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Lusófonos na Ohio State University e mestre em Estudos Clássicos pela Notre Dame University. Em 2015 contribuiu na publicação de *The Oxford Handbook of Greek Drama in the Americas*. Email: lopesgemelli.1@osu.edu.